

A VELHICE, SEGUNDO CÍCERO

Rômulo de Andrade Moreira**

Marco Túlio Cícero escreveu, em 44 a.C., a obra *“Catão, o velho, ou diálogo sobre a velhice.”*

Nela, o filósofo, estadista e orador romano (nascido em 13 de janeiro do ano 106 a.C. e morto em 7 de dezembro de 43 a.C.), faz uma reflexão extraordinária sobre a velhice. Ao contrário do que se esperaria de um velho, Cícero exalta aquilo que é próprio da natureza humana, razão pela qual é uma estupidez achar ruim a velhice, pois *“pretender resistir à natureza não teria mais sentido do que querer – como os gigantes – guerrear contra os deuses.”*

Escreveu Cícero: *“Todos os homens desejam alcançá-la, mas, ao ficarem velhos, lamentam-se. Eis aí a inconsequência da estupidez!”*

Ora, sendo algo da natureza humana o findar, tanto quanto o nascer, devemos, como um sábio, *“consentir pacificamente”* com o fim, pois a vida, *“espontaneamente”*, tal como *“as bagas e os frutos”*, *“chegada sua hora, murcham e caem por terra.”*

Diz o filósofo que não é à velhice que devemos culpar, mas a nós mesmos, especialmente quando a lamentamos, já que *“os velhos inteligentes, agradáveis e divertidos suportam facilmente a velhice, ao passo que a acrimônia, o temperamento triste e a rabugice são deploráveis em qualquer idade.”* Portanto, *“são suas próprias faltas, suas insuficiências, que os imbecis imputam à velhice.”*

Objetando Lúlio – um de seus interlocutores – que o seu poder, a sua riqueza e o seu prestígio – Cícero também era senador - tornavam a sua velhice mais suportável, respondeu que *“quanto ao imbecil, julgará a velhice pesada mesmo na riqueza”*, pois *“as melhores armas para a velhice são o conhecimento e a prática das virtudes. Cultivados em qualquer idade, eles dão frutos soberbos no término de uma existência bem vivida.”*

E, lembrando Platão, que morrera aos oitenta anos, *“em pleno trabalho da escrita”*, afirmou o filósofo romano que *“uma vida tranquila, honorável e distinta pode do mesmo modo levar a uma velhice pacífica e suave.”*

Mesmo alguns defeitos geralmente apontados nos velhos – o mal humor, a rabugice, a avareza (defeito que Cícero não admitia, achava-o insensato), a irritabilidade fácil, a aflição – são, na verdade, *“inerentes a cada indivíduo, não à velhice”*, pois *“assim como o vinho, o caráter não azeda necessariamente com a idade.”*

** Procurador de Justiça do Ministério Público do Estado da Bahia e Professor de Direito Processual Penal da Faculdade de Direito da Universidade Salvador - UNIFACS.

Então, Cícero aponta quatro razões possíveis para detestarmos a velhice, a saber: 1) o afastamento da vida ativa; 2) o enfraquecimento do corpo; 3) a privação dos melhores prazeres e 4) a aproximação da morte.

Vejamos, então, como o filósofo enfrenta cada uma delas.

A primeira ele contesta perguntando de quais assuntos públicos a velhice afastaria o homem ou a mulher, e responde: “*não há assuntos públicos que, mesmo sem força física, os velhos não possam perfeitamente conduzir graças à sua inteligência*”, pois “*não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas*”, mas sim “*a sabedoria, a clarividência, o discernimento*”, qualidades próprias da velhice, segundo Cícero, para quem, outrossim, “*a irreflexão é própria da idade em flor, e a sabedoria, da maturidade.*”

Em relação ao segundo “*inconveniente*”, “*a falta de vigor*”, pergunta Cícero se não haveria mais bela tarefa do que, “*com suficiente vigor*” – não necessariamente o físico – “*instruir os adolescentes, para formá-los e prepará-los aos deveres de seu futuro encargo.*”

Segundo o filósofo, valeria mais o vigor intelectual da velhice do que o vigor físico dos jovens. Logo, deve-se usar esta segunda vantagem quando se a tem, “*e não a lamentemos quando ela desapareceu*”, pois a “*vida segue um curso muito preciso e a natureza dota cada idade de qualidades próprias. Por isso a fraqueza das crianças, o ímpeto dos jovens, a seriedade dos adultos, a maturidade da velhice são coisas naturais que devemos apreciar cada uma em seu tempo.*”

Nota também que os cuidados com o corpo são necessários “*para recompor as forças, sem arruiná-las*”, porém! Mas, também é preciso, além do corpo, “*ocupar-se do espírito e da alma.*” A velhice, com efeito, não deve ser “*preguiçosa, indolente e embotada.*” A velhice somente será “*honrada na medida em que resiste, afirma seu direito, não deixa ninguém roubar-lhe seu poder.*”

Cícero dizia gostar “*de descobrir o verdor num velho*” jamais envelhecido “*em seu espírito.*” A sua memória era cuidada com zelo. Para isso, estudava “*assiduamente a literatura grega*” e, para exercitá-la, procurava lembrar-se, toda noite, de tudo o que havia feito, dito e ouvido durante o dia, tal como faziam os pitagóricos¹. Era a sua ginástica para exercitar o espírito e a inteligência: “*suando e me esfalfando dessa maneira, não me ocorreria pensar em me lamentar sobre o declínio de minhas forças físicas. Meus amigos podem sempre contar comigo.*”

O estudo e o trabalho, portanto, evitavam “*a aproximação sub-reptícia da velhice*” e, “*em vez de sermos brutalmente atacados pela idade, é aos poucos que nos extinguimos.*”

E quanto ao terceiro agravo (ou inconveniente) da velhice, a privação dos prazeres próprios da juventude?

Desde logo, advertia Cícero que “*a busca desenfreada da volúpia é uma paixão possessiva, sem controle*”, corrompendo, segundo ele, “*o julgamento, perturbando a razão, turvando os olhos do espírito.*”

¹ Seguidores do matemático e filósofo grego, Pitágoras.

Na velhice, *“ao renunciarmos aos banquetes, às mesas que desabam sob os pratos e as taças inumeráveis, renunciamos ao mesmo tempo à embriaguez, à indigestão e à insônia”, podendo-se “muito bem desfrutar o prazer das refeições equilibradas.”*

Evidentemente que Cícero não se colocava *“como adversário encarniçado do prazer, muito natural dentro de certos limites”,* não sendo a velhice a ele (ao prazer) insensível, apesar dos velhos não mais sentirem *“tão intensamente aquela espécie de cócegas que o prazer proporciona. É verdade, mas eles tampouco sentem falta disso.”*

Então, Cícero faz uma comparação com o que ocorre em uma comédia, onde o artista *“diverte sobretudo os espectadores da primeira fila, mas os do fundo aproveitam igualmente seu espetáculo.”* Isso resulta também com a juventude, *“que vê os prazeres de perto e os usufrui intensamente, mas a velhice, que os considera de mais longe, tira deles um proveito suficiente.”*

Assim, livre *“das obrigações da volúpia, da ambição, das rivalidades e das paixões de toda espécie”,* permite a velhice que as pessoas possam viver, *“como se diz, consigo mesmas”,* alimentando-se *“de estudos e conhecimento”* e garantindo-se uma *“velhice tranquila”,* pois *“o saber se vale das competências acumuladas e se enriquece à medida que envelhecemos.”* Portanto, *“nenhum prazer é superior ao do espírito”!*

Referia-se também o filósofo a uma vantagem da velhice: a aquisição de uma *“autoridade natural, eis o verdadeiro coroamento da velhice!”*, pois *“o prestígio dos velhos, sobretudo quando exerceram cargos públicos, compensa largamente todos os prazeres da juventude.”*

Nada obstante – e isso, a meu ver, é uma observação muitíssimo pertinente! -, *“os cabelos brancos e as rugas não conferem, por si sós, uma súbita respeitabilidade. Esta é sempre a recompensa de um passado exemplar.”*

Por fim, a quarta razão de temer a velhice: a morte!

Ora, dizia ele, *“como é lastimável o velho que, após ter vivido tanto tempo, não aprendeu a olhar a morte de cima!”*

Então, das duas uma: se não acreditamos na imortalidade da alma, devemos desprezar a morte; ao contrário, se crentes somos, devemos aceitá-la e mesmo desejá-la. *“Não há outra alternativa.”*

Ademais, lembrava Cícero: *“quem pode estar seguro, mesmo jovem, de estar vivo até o anoitecer?”* Logo, *“por que fazer disso motivo de queixa à velhice, se é um risco que a juventude compartilha?”* Ele próprio, aliás, perdera precocemente um seu *“excelente filho”,* Catão, *“o melhor de todos, o filho mais amável e o mais respeitoso.”*

Neste sentido, a posição do velho *“é melhor que a do adolescente. Aquilo com que este sonha, ele já o obteve. O adolescente quer viver muito tempo, o velho já viveu muito tempo!”* Dizia Cícero que não aceitaria – acaso um deus assim o permitisse – *“voltar a ser um bebê dando vagidos em seu berço.”* Ele *“recusaria ser levado de volta ao ponto de partida após ter percorrido, por assim dizer, toda a arena.”*

Para um velho, nada mais natural deveria ser *“a perspectiva de morrer.”* Para Cícero, a morte de um jovem comparava-se a uma *“chama viva apagada sob um jato d’água”,* enquanto a de um velho assemelhava-se *“a um fogo que suavemente se extingue.”* Tal como se dá na natureza mesma, *“os frutos verdes devem ser arrancados à força da árvore que os*

carrega; quando estão maduros, ao contrário, eles caem naturalmente.” Por isso, a aproximação da morte dava-se como a chegada *“ao porto, após uma longa travessia.”*

Esse desprezo pela morte, inclusive, torna os velhos *“mais corajosos e mais enérgicos.”* Lembra, então, de Sólon² quando, ao ser perguntado pelo tirano Pisístrato o que lhe *“dava a força para resistir tão valentemente”*, respondeu-lhe: *“A velhice!”*

Não se deve apegar-se *“desesperadamente”* à vida, tampouco *“renunciar sem razão ao pouco de vida que lhes resta.”* Por óbvio, é natural sentir *“uma certa apreensão no momento de morrer, mas isso dura pouco”*, e deve ser *“desde a adolescência que convém se preparar para o desprezo da morte. Sem essa preparação, nenhuma serenidade é possível.”* De toda maneira, isso não significa tratar o inevitável como uma obsessão, sob pena de não se *“conservar o espírito calmo.”*

Para terminar, escreveu Cícero que a velhice *“é a cena final dessa peça que constitui a existência.”* Portanto, *“contentemo-nos com o tempo que nos é dado a viver, seja qual for!”*

² Sólon foi um legislador e poeta, considerado o pai da democracia ateniense (640 – 558 a.C.).